

**FELIZ ANO NOVO DE RUBEM FONSECA SOB A ÓTICA DE ANTONIO CANDIDO,
UMA FORTUNA CRÍTICA****FELIZ ANO NOVO BY RUBEM FONSECA FROM THE VIEWPOINT OF ANTONIO
CANDIDO, A BIBLIOGRAPHIC REVIEW****DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p111-122****Enrico de Castro Carvalho Silva¹**

Resumo: O presente artigo apresenta uma fortuna crítica sobre a obra *Feliz ano novo*, publicada por Rubem Fonseca em 1975, frente à concepção de Antonio Candido sobre teoria literária. Esta pesquisa é motivada pela necessidade de mapeamento dos conhecimentos científicos, construídos nos últimos anos, para que se possa expandir o estudo dos contos de Fonseca sob o viés da literatura comparada. Objetiva-se apresentar um recorte dos artigos indexados no portal de periódicos da CAPES sobre a obra literária em questão, especificamente, sob o olhar de Antonio Candido. O referencial teórico mobilizado refere-se à concepção de literatura de Candido (1989; 2011). O *corpus* de pesquisa foi analisado de modo quantitativo-qualitativo frente à metodologia de revisão bibliográfica. Os resultados obtidos demonstraram que as articulações entre Candido e Fonseca são heterogêneas, o que torna evidente a potencialidade do pensamento do teórico para os estudos literários e o aspecto questionador que a obra fonsequiana promove da ordem social. É possível concluir que abordar a contística de Fonseca sob o viés da literatura comparada traz diversas possibilidades de pesquisa para compreender a atualização da obra ao longo do tempo.

Palavras-chave: Antonio Candido; Literatura Comparada; Rubem Fonseca.

Abstract: The present article develops a bibliographic review of studies about *Feliz ano novo*, published by Rubem Fonseca in 1975, against the conception of Antonio Candido on literary theory. This research is motivated by the need to map scientific knowledges, built in recent years; so that it is possible to expand the study of this short stories by Fonseca on comparative literature. It aims to present a clipping of articles indexed in the CAPES repository of scientific publications about this literary work, specifically, tackled by Antonio Candido. This theoretical approach refers to Candido's conception of literature (1989; 2011). The content of research was analyzed in a quantitative-qualitative way by bibliographic review methodology. The results obtained demonstrate that the articulations between Candido and Fonseca are heterogeneous, it makes evident the potentiality of theoretical thought for literary studies and the aspect of questioning the social order that Fonseca's work promotes. It is possible to conclude that approaching Fonseca's short stories based on comparative literature, can make different research possibilities to understand the updating of his work over the years.

Keywords: Antonio Candido; Comparative Literature; Rubem Fonseca.

¹ Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté; Professor II da Prefeitura Municipal de São José dos Campos, Pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso e Pesquisador da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tem como temas de pesquisa Ditadura Militar, Literatura e Literatura Comparada. E-mail: enricocarvalho2013@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9248-860X>

Introdução

Este artigo desenvolve uma fortuna crítica sobre a obra *Feliz Ano Novo*, publicada por Rubem Fonseca em 1975, frente à concepção de Antonio Candido sobre teoria literária. A justificativa desta pesquisa advém da necessidade de compreensão da dinâmica epistemológico-literária, por meio do mapeamento das produções científicas emergentes nos últimos anos; para que se possa incorporar esses conhecimentos em estudos de literatura comparada, com o intuito de construção de uma visão crítica da obra de Rubem Fonseca:

[...] o comparativismo deixa de ser visto apenas como o confronto entre obras ou autores. Também não se restringe à perseguição de uma imagem, de um tema, de um verso, de um fragmento, ou à análise da imagem/miragem que uma literatura faz de outras. Paralelamente a estudos como esses, que chegam a bom término com o reforço teórico crítico indispensável, a literatura comparada ambiciona um alcance ainda maior, que é o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim, a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais (CARVALHAL, 2006, p. 86)

Objetiva-se apresentar uma reflexão a respeito dos artigos indexados no portal de periódicos da CAPES sobre a obra literária em questão, especificamente, sob o olhar do referido teórico literário. O referencial bibliográfico mobilizado diz respeito à concepção de literatura de Candido (1989; 2011).

O *corpus* de pesquisa foi analisado de modo quantitativo-qualitativo frente à metodologia de revisão bibliográfica, que, segundo Ferreira (2002), intui mapear as produções acadêmicas e científicas – norteadas por direcionamento teórico específico – por meio de levantamento e análise de publicações documentais, no caso do presente artigo, publicações em periódicos:

A sensação que parece invadir esses pesquisadores é a do não conhecimento acerca da totalidade de estudos e pesquisas em determinada área de conhecimento que apresenta crescimento tanto quantitativo quanto qualitativo, principalmente reflexões desenvolvidas em nível de pós-graduação, produção está distribuída por inúmeros programas de pós e pouco divulgada (FERREIRA, 2002, p. 258).

Nesse sentido, busca-se reconstruir um percurso, ainda que não linear, das produções em crítica literária. Compreende-se, portanto, que os artigos aqui selecionados constituem a ideia de uma “[rede] de vários fios que se cruzam, que se rompem, que se unem, que se questionam dependendo do ponto que se estabelece como partida em cada texto” (FERREIRA, 2002, p. 270).

A reconstrução dessa rede teve início no dia 10 de janeiro de 2022, quando foi feita uma busca no portal de periódicos da CAPES pelos termos “rubem fonseca + antonio candido”, com a inclusão dos filtros “artigos” e “periódicos revisados por pares”, obtendo-se 40 resultados. Após a leitura dos resumos, introdução e referencial teórico – etapa em que foi observado a menção às obras de Candido e Fonseca – essa seleção foi delimitada ao número de 3 produções. Em sequência, no dia 12 de janeiro de 2022, foi feita uma nova busca, no mesmo portal, com os mesmos filtros; mas dessa vez, pelos termos “feliz ano novo + rubem fonseca”, com 34 resultados. Após aplicação da mesma metodologia de leitura, chegou-se ao número de 2 artigos.

Na segunda etapa – a qual demandou a leitura da totalidade das produções – os 3 artigos originados da pesquisa pelos termos “rubem fonseca + antonio candido”, foram excluídos do *corpus*. Ainda que houvesse nos 3 artigos menção às produções de Candido e Fonseca, no resumo, introdução e referências, em dois deles não estava presente uma articulação direta entre a concepção teórico-literária e os contos de *Feliz ano novo*. Por fim, o último artigo que restou desenvolvia uma articulação a contento na análise da construção do icônico personagem Mandrake, mas no contexto do romance *A grande arte* (1983) e não do conto em *Feliz ano novo*. Assim, após as duas etapas de leitura, num campo de 74 produções, foram eleitos 2 artigos para composição do *corpus* desta revisão de bibliografia.

Para desenvolver esta investigação, a organização deste artigo compreende duas seções centrais. Num primeiro momento, aborda-se a construção epistemológica de Candido (1989; 2011) sobre literatura brasileira, posteriormente, é feito o mapeamento dos 2 artigos selecionados, apresentando as articulações entre a teoria literária de Candido e a obra *Feliz ano novo*, publicada por Rubem Fonseca.

1 Construção epistemológico-literária de Antonio Candido

Candido (2011), ao analisar as relações estabelecidas entre literatura e sociedade, apresenta elementos socioculturais que exercem influência na produção artística. É posto que, ainda que exista uma dificuldade em pormenorizar essas influências, é possível discriminá-las: estrutura social, valores e ideologia e técnicas de comunicação:

Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e no conteúdo da obra; os terceiros na fatura e na transmissão. Eles marcam, em todo caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista sob o impulso de uma necessidade

interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio (CANDIDO, 2011, p. 34).

Diante disso, é explicitada a impossibilidade de cisão entre a gênese da obra e sua repercussão, na medida em que a arte se define como um sistema de comunicação simbólico intersubjetivo. Assim o autor, em sua criação literária, pressupõe um público receptor. É, ainda, nesse mesmo sentido que se desenvolve a perspectiva de tríade indissolúvel:

Terminando, desejo voltar à relação inextricável, do ponto de vista sociológico, entre a obra, o autor e o público, cuja posição respectiva foi apontada. Na medida em que a arte é – como foi apresentada aqui – um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador (CANDIDO, 2011, p. 47; 48).

Nota-se que essa relação triádica é dinâmica e contextualizada sócio-historicamente, o que é essencial para o processo de significação de uma obra que perdura no tempo. Posto em termos bakhtinianos, este seria “apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 184).

Em consonância com esse direcionamento, em seu ensaio “A Nova Narrativa”, Candido (1989) discorre sobre a consolidação de um redirecionamento narrativo da literatura do século XX no Brasil e na América Latina, o qual emerge de um contexto cultural permeado por desigualdades sociais potencializadas pelo capitalismo industrial:

Nos nossos dias aparecem outros traços para dar certa fisionomia comum, como, por exemplo, a urbanização acelerada e desumana, devida a um processo industrial com características parecidas, motivando a transformação das populações rurais em massas miseráveis e marginalizadas, despojadas de seus usos estabilizadores e submetidas à neurose do consumo, que é inviável devido à sua penúria econômica. Pairando sobre isto o capitalismo predatório das imensas multinacionais, que às vezes parecem mais fortes do que os governos dos seus países de origem, transformando-nos (salvo Cuba) em um novo tipo de colônias regidas por governos militares ou militarizados, mais capazes de garantir os interesses internacionais e os das classes dominantes locais (CANDIDO, 1989, p. 201).

Concomitantemente com o regionalismo, as narrativas dos conflitos de grandes centros urbanos são apontadas por Candido (1989) como outro direcionamento literário que marca os anos de 1930 e 1940, desenvolvendo conteúdos temáticos sobre conflitos de consciência e classe social. Quanto às renovações na forma, o teórico aborda a “*desliterarização*, com a quebra dos tabus de vocabulário e sintaxe, o gosto pelos termos considerados baixos (segundo a convenção) e a desarticulação estrutural da narrativa” (CANDIDO, 1989, p. 205).

Posteriormente, as décadas de 1950 e 1960 são marcadas por constituírem uma ficção brasileira que é denominada pelo autor uma “linha média”:

Registro que, [...] circulam no universo dos valores urbanos, relativamente desligados de um interesse mais vivo pelo lugar, o momento, os costumes, que em seus livros entram por assim dizer na filigrana. Também nenhum deles manifesta preocupação ideológica por meio da ficção, com exceções que aumentam depois do golpe militar de 1964. Por isso, é difícil enquadrá-los numa opção, no sentido definido acima. Direita ou esquerda? Romance pessoal ou social? Escrita popular ou erudita? Pontos como estes, antes controversos, já não têm sentido com relação a livros marcados por uma experiência abrangente, segundo a qual a tomada de partido ou a denúncia são substituídos pelo modo de ser e existir, do ângulo da pessoa ou do grupo. (CANDIDO, 1989, p. 206)

A produção de Rubem Fonseca – iniciada em 1963 –, portanto, emerge posteriormente ao contexto estético da linha média. A década de 1970 é apontada como um período de legitimação da coexistência estético-literária, na qual o romance e o conto passam a incorporar técnicas de linguagem de incorporação ou mesmo fusão com outros gêneros, sobremaneira os jornalístico-midiáticos:

Esta espécie de ultra-realismo sem preconceitos aparece igualmente na parte mais forte do grande mestre do conto que é Rubem Fonseca (estréia em 1963). Ele também agride o leitor pela violência, não apenas dos temas, mas dos recursos técnicos — fundindo ser e ato na eficácia de uma fala magistral em primeira pessoa, propondo soluções alternativas na sequência da narração, avançando as fronteiras da literatura no rumo duma espécie de notícia crua da vida (CANDIDO, 1989, p. 211).

Essa localização que Candido (1989) faz da obra de Rubem Fonseca no espaço do ultrarrealismo, ou realismo feroz, diz respeito ao comportamento humano imerso no contexto de violência urbana do regime militar. Diante disso, o teórico aponta para a diferença entre o discurso do realismo tradicional e o ultrarrealismo. É posto que a narrativa tradicional realista, predominantemente em terceira pessoa, intencionava preservar o distanciamento do escritor dos personagens populares. Em contrapartida, a narrativa em primeira pessoa do realismo feroz tinha como objetivo apagar as distâncias sociais, promovendo uma fusão entre autor e personagem:

Escritores como Rubem Fonseca primam quando usam esta técnica, mas quando passam à terceira pessoa ou descrevem situações da sua classe social, a força parece cair. Isto leva a perguntar se eles não estão criando um novo exotismo de tipo especial, que ficará mais evidente para os leitores futuros; se não estão sendo eficientes, em parte, pelo fato de apresentarem temas, situações e modos de falar do marginal, da prostituta, do inculto das cidades, que para o leitor de classe média têm o atrativo de qualquer outro pitoresco. Mas seja como for, estão operando uma extraordinária expansão do âmbito literário, como grandes inovadores (CANDIDO, 1989, p. 213).

Assim, ainda que no ultrarrealismo os momentos de retomada da narrativa em terceira pessoa possam construir um certo retorno ao exotismo do realismo tradicional, Candido (1989) reconhece inovações significativas nessas produções literárias. Diante dessas questões, a seção posterior apresenta um mapeamento, em ordem cronológica, de pesquisas realizadas conforme os critérios anteriormente elencados, em um intervalo de nove anos, para que se possa apurar a compreensão dessa “nova narrativa”.

2 Rubem Fonseca sob o olhar de Antonio Candido

Retomando o que foi apresentado na introdução desse artigo, a apresentação dos dados desta fortuna crítica segue a ordem cronológica e agrupa resultados de duas combinações de termos de buscados no Portal de Periódicos da CAPES. As publicações de Câmara-Pereira (2015), Nebias (2017) e Pereira (2008) foram resultados da pesquisa por “rubem fonseca + antonio candido”, enquanto as de Garlet e Freitas (2016) e Silva (2013) resultaram da pesquisa por “feliz ano novo + rubem fonseca”.

Tabela 1. Compilação dos artigos analisados nesta pesquisa.

Nº	Título	Autores	Publicação	Status de seleção
1	Sertão e Narração: Guimarães Rosa, Glauber Rocha e seus desenredos	Pedro Paulo Gomes Pereira	Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, n. 1, p. 51-87, abr. 2008.	Excluído do <i>corpus</i> . Há presença da perspectiva de Candido (1957; 1976) sobre a relação entre o real e o ficcional na caracterização do sertão em obras de Guimarães Rosa e Glauber Rocha, mas não para promover a crítica literária de “Intestino grosso” de Fonseca (1994), conto que somente aparece para ilustrar contraposições entre tendências narrativas na literatura brasileira.
2	Do horror artístico: conto de uma festa de Ano Novo	Regina Coeli Machado e Silva	Revista de Antropologia, São Paulo, v. 56, n. 1, p. 391-424, nov. 2013.	Incluído ao <i>corpus</i> .

3	Manoel Antônio de Almeida, Rubem Fonseca e a Rio de Janeiro dos nossos tempos: picardia, malandragem, miséria e extrema violência	Francisco Afrânio Câmara-Pereira	Letras & Letras, Uberlândia, v. 31, n. 1, p. 239-254, jul. 2015.	Excluído do <i>corpus</i> . O pesquisador utiliza Candido (1980; 1987; 2010) em suas reflexões sobre a ficcionalização do espaço urbano, sobremaneira incorpora uma perspectiva literária que surge de um ensaio de Candido sobre <i>Memórias de um sargento de milícias</i> (1941) e a reestrutura para analisar a narrativa fonsequiana “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, que integra a obra <i>Contos Reunidos</i> (1994). Contudo, o conto-entrevista “Intestino Grosso” (1994), inserido no livro <i>Feliz ano novo</i> , aparece tão somente para ilustrar o estilo de linguagem do escritor.
4	De Realibus ad Realiora: a violência em Rubem Fonseca	Laís Ismael Freitas; Deivis Jhones Garlet	Letras Escreve, Macapá, v. 6, n. 1, p. 259-272, 1º sem. 2016.	Incluído no <i>corpus</i> .
5	Figurações da personagem detetivesca	Marta Maria Rodriguez Nebias	Letras Hoje, Porto Alegre, v. 52, n. 2, p. 183-191, nov. 2017.	Excluído do <i>corpus</i> . A autora lança mão de Candido (2009) como ponto de partida argumentativo para analisar a construção da verossimilhança, sob o âmbito da influência do sistema axiológico da sociedade brasileira de 1980, na construção do detive fonsequiano Mandrake. Entretanto, o personagem detetivesco aparece no romance policial <i>A grande arte</i> (1983) e não na obra <i>Feliz ano novo</i> .

Fonte: Elaboração própria, a partir de pesquisa no Portal de Periódicos da CAPES.

Diante da justificativa da seleção do *corpus* da presente fortuna crítica, inicia-se com o trabalho desenvolvido por Silva (2013), sob o enfoque da antropologia da literatura, que busca analisar a presença da violência na narrativa de “Feliz ano novo” (1989), conto que dá nome ao livro de Rubem Fonseca, como elemento que direciona o conto para o gênero de horror artístico.

Há muitas análises da narrativa fonsequiana – incluindo ou enfocando diretamente o conto *Feliz Ano Novo* – feitas pela crítica literária, sob diversas perspectivas. A especificidade da perspectiva antropológica, contudo, permite evidenciar o significado do horror artístico nele manifestado, cuja inteligibilidade não se esgota em seu conteúdo aparente, mas pode ser encontrada nas contradições, nas assimetrias e na fragilidade de valores axiomáticos que ordenam as interações sociais operantes na sociedade brasileira da época em que o conto foi escrito e publicado, e ainda hoje (SILVA, 2013, p. 394).

Assim, a autora argumenta que a arte não é reduzida à influência de fatores socioculturais, tampouco é um reflexo, ou mera representação da realidade; mas uma forma de conhecimento, de pensar o mundo. Nesse contexto, é posto que o conto funciona como um modelo reduzido, pois se alimenta da realidade para criar acontecimentos ficcionais que propagam, para além de si mesmos, um resumo da condição humana.

Para análise da construção dessa narrativa de Fonseca, o primeiro momento no qual a perspectiva de Candido aparece na pesquisa da autora diz respeito à caracterização estilística:

Além de integrar a escrita à rapidez peculiar da tecnologia dos meios de comunicação, a estratégia implicada nos contos de Rubem Fonseca, e, em *Feliz Ano Novo* em particular, é a do princípio da ampliação da arte pop, como mostrou Costa Lima (1983: 199) [...]. O uso de gírias, a abolição de fronteiras entre o falado e o escrito, e esse “ritmo galopante da escrita” como recursos para mostrar, de modo brutal, a vida do crime, foram identificados por Antonio Candido (1987: 211) como “ultrarrealismo” ou “realismo feroz”, agredindo o leitor pela violência do tema e pelas “soluções alternativas na sequência da narração, avançando a literatura no rumo de uma espécie de notícia crua da vida” (SILVA, 2013, p. 398; 399).

De forma complementar, a autora evoca os preceitos de Candido, num segundo momento, em suas considerações finais:

Antonio Candido (1987: 211) se pergunta sobre as razões da pregnância dessa narrativa, que agride o leitor pela violência dos temas e pelos recursos técnicos, “avançando a literatura no rumo de uma espécie de notícia crua da vida”. Ele levanta a suspeita de que o autor, Rubem Fonseca [...] Para ele, a narrativa [...] poderia estar sendo eficiente “em parte pelo fato de apresentarem temas, situações, e modos de falar do marginal, da prostituta, do inculto das cidades, que para o leitor de classe média têm o atrativo de qualquer outro pitoresco” (1987: 213). Embora essa avaliação seja pertinente ao contexto em que o conto foi escrito, o significado do conto parece ultrapassar essa hipótese por duas razões. (SILVA, 2013, p. 413).

As pontuações que Silva (2013) apresenta para redirecionar a hipótese levantada por Antonio Candido, são ancoradas na concepção cognitiva da arte por Lévi-Strauss e na construção do paradoxo da festa de Ano Novo. Desse modo, sendo o conto uma expressão artística, ele transborda o potencial de significação de uma notícia, porque o autor é “capaz de expor proximidades, sobreposições e contradições entre esquemas de percepção, formas classificatórias e sentimentos sociais da vida coletiva brasileira” (SILVA, 2013, p. 413).

Quanto ao paradoxo do Ano Novo, são contrapostos por Rubem Fonseca uma festa que remete, antropológicamente, à renovação e sacralização da vida e à violência, degradação e violação da mesma, o que possibilita compreender uma “literatura que compartilha das preocupações cognitivas e que, diferentemente do conhecimento sistematizado e especializado, e da linguagem de uso comum, nos permite desvendar significados não imediatamente perceptíveis” (SILVA, 2013, p. 413).

De forma distinta, porém complementar, o artigo de Freitas e Garlet (2016) se vale de dois contos da obra de Fonseca para compor seu objeto de análise. Os autores buscam com sua pesquisa identificar a potencialidade que a narrativa realista de conteúdos traumáticos e violentos tem para articular uma crítica social. Para tanto, promovem a abordagem de “Feliz ano novo” (2005) e “Passeio Noturno (partes 1 e 2)” (2005):

A violência, sobretudo a urbana, de fato constitui o tema de *Feliz ano novo* e de *Passeio noturno (partes 1 e 2)*, contos que integram a coletânea intitulada *Feliz ano novo*, de 1975 (censurada pelo governo militar), e que formam nosso objeto de análise. Um *leitmotiv* que instala, ao lado da organização formal de matiz realista, uma posição axiológica no mundo ficcional e, em diálogo com a realidade concreta, uma posição de contrariedade para com a violência, suas fontes e sua naturalização por meio da banalização (FREITAS; GARLET, 2006, p. 263).

Quanto à perspectiva de Antonio Candido, ela é incorporada explicitamente apenas uma vez, para argumentar que a ficcionalização da violência está atrelada ao contexto de produção da obra. Assim, o contexto sócio-histórico da Ditadura Militar instaurada em 1964, que era permeado pela banalização da violência teria sido fundamental para a construção da narrativa:

Considerando-se como paradigma a relação entre a literatura e o contexto de produção, entendemos que o escritor de *Feliz ano novo* incorpora às narrativas, de maneira estetizada, elementos extraestéticos do mundo circundante, como a gratuidade da violência, e posiciona-se criticamente na escolha do tema e da forma de realizá-lo. Em acordo com o pensamento de Candido (2010), o externo se torna interno, passando a funcionar de maneira específica no interior da narrativa (FREITAS; GARLET, 2006, p. 263).

Além de Candido, é possível notar a perspectiva bakhtiniana da linguagem, sobremaneira a caracterização do discurso literário permeado por signos ideológicos e a reflexão-refração da realidade. Esses conceitos são retomados nas considerações finais dos autores para fundamentar a ideia de existência de um binômio “caracterização da violência e crítica social”:

As narrativas, portanto, apresentam situações extremas, nas quais os narradores são protagonistas de atos violentos narrados com o emprego de uma linguagem que obedece à *mimese* realista, objetiva, sem rebuscamentos ou experimentalismos de forma. [Observa-se] em *Feliz ano novo*, a miséria e as terríveis desigualdades sociais; em *Passeio noturno (partes 1 e 2)*, um transtorno psicopatológico, que aproximamos à psicopatia. E, ao cotejarmos as causas das violências nas narrativas, podemos perceber uma crítica social de segundo grau: a de que a violência está em todos os segmentos sociais e que, no senso comum e ordinariamente, a violência cometida pelos mais desfavorecidos economicamente é sempre considerada bestial, irracional e indefensável, ao passo que aquela efetuada pelos privilegiados socialmente é explicada como patologia, dirimindo então o dolo do agente (FREITAS; GARLET, 2006, p. 269; 270).

Assim, é possível perceber que as pesquisas de Freitas e Garlet (2006) e Silva (2013) mobilizam a perspectiva de Candido para analisar como a representação da violência na obra de Rubem Fonseca está atrelada ao contexto sócio-histórico, sobremaneira permeado pela desigualdade social.

Considerações finais

Pensar *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, e Antonio Candido sob o âmbito da literatura comparada demanda, como ponto de partida, a compreensão de que uma obra literária renova seu sentido a cada aproximação e distanciamento com diferentes textos. Nesse sentido, essa fortuna crítica revela diversas possibilidades de abordagem da obra de Fonseca como integrante e representativa do sistema literário brasileiro.

Esse recorte de nove anos de publicações traz a reflexão sobre novos caminhos de pesquisa, mas, ao mesmo tempo, a continuidade de compreensão dos múltiplos sentidos que a obra de Fonseca pode construir e como o público, social e historicamente contextualizado, figura como elemento central de atualização da contística fonssequiana.

Nota-se, ainda, analisando as duas pesquisas, uma convergência com a perspectiva de Candido (1989) apresentada no início desta fortuna crítica, a qual insere a obra de Rubem Fonseca no espectro do ultrarrealismo, caracterizado por uma ficcionalização que agride o leitor com uma linguagem crua e uma brutalidade temática.

Assim, a partir do mapeamento dos artigos apresentados, tem-se a síntese dos dados na tabela abaixo.

Tabela 2. Síntese da análise dos artigos.

Nº	Autores	Direcionamento da concepção teórica de Antonio Candido	Textos literário de Rubem Fonseca	Principal articulação entre Candido e Fonseca
1	Silva (2013)	Estilística de Rubem Fonseca (1987)	Conto “Feliz ano novo” (1989)	Apresentação de crítica literária quanto aos recursos de escrita e conteúdos temáticos.
2	Freitas; Garlet (2016)	Relação entre literatura e contexto de produção (2010).	Contos “Feliz ano novo” (2005) e “Passeio Noturno (partes 1 e 2)” (2005)	Exposição da relação entre o contexto sócio-histórico da ditadura de 64 e a temática de banalização da violência.

Fonte: Elaboração própria, a partir de pesquisa no Portal de Periódicos da CAPES.

A análise do *corpus* evidenciou dois aspectos para reflexão. O primeiro diz respeito à potencialidade do pensamento de Candido sobre a literatura brasileira, podendo ser mobilizado para análise de diversos aspectos de obras literárias, demonstrando o porquê de seu nome figurar entre o referencial teórico clássico dos estudos literários. O segundo ponto evidente, e também o denominador comum entre os artigos analisados, é a menção ao estilo de linguagem de Rubem Fonseca, essa consistência estética de brutalidade verbal, característica do ultrarrealismo, que humaniza seus personagens e faz com que sua obra responda aos valores de moralidade e bons costumes, assim como às forças centrípetas dominantes, “aquelas da *unificação e da centralização das ideologias verbais*” (BAKHTIN, 2002, p. 81).

Referências

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. 5 ed. Ed. São Paulo: Hucitec, 2002

CÂMARA-PEREIRA, F. A. Manoel Antônio de Almeida, Rubem Fonseca e a Rio de Janeiro dos nossos tempos: picardia, malandragem, miséria e extrema. *Letras & Letras, [S. l.]*, v. 31, n. 1, p. 239–254, 2015.

CANDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CARVALHAL, T. F. A. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.
- FREITAS, L. I.; GARLET, D. J. De Realibus ad Realiora: a violência em Rubem Fonseca. *Letras Escreve*, Macapá, v. 6, n. 1, p. 259-272, 1º sem. 2016.
- NEBIAS, M. M. R. Figurações da personagem detetivesca. *Letras de Hoje*, v. 52, n. 2, p. 183-191, 22 nov. 2017.
- PEREIRA, P. P. G. Sertão e Narração: Guimarães Rosa, Glauber Rocha e seus desenredos. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 1, p. 51-87, abr. 2008.
- SILVA, R. C. M. e. Do horror artístico: conto de uma festa de Ano Novo. *Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 56, n. 1, p. 391-424, 2013.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Recebido em 30 de abril de 2022.

Aceito em 30 de janeiro de 2023.